

# Sensibilidades compartilhadas na imprensa árabe diaspórica: reflexões sobre nacionalismo árabe e 'nasserismo' em *O Oriente*

Luís Augusto Meinberg Garcia<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo analisa a revista *O Oriente*, editada por Mussa Kuraïem entre 1927 e 1974, importante veículo da imprensa árabe no Brasil, como um meio de mediação cultural e política na produção e adaptação das subjetividades árabes em contexto diaspórico. Ao abordar o nacionalismo árabe como uma tradição em constante transformação, o texto explora como a revista busca desempenhar um papel central na formação de subjetividades árabes no Brasil. Por meio da circulação de discursos políticos e culturais, *O Oriente* não apenas serve como plataforma de coesão para a comunidade árabe paulistana, mas também como um espaço de negociação entre as tradições árabes e as demandas do contexto brasileiro, oferecendo aos seus leitores uma maneira de se conectar com suas raízes culturais e ao mesmo tempo se adaptar às dinâmicas locais, produzindo as sensibilidades árabes no Brasil como um processo contínuo de mediação entre passado e presente. O artigo discute, assim, como a revista se apoia em uma ideologia pan-arabista que visa a integração dos árabes em contexto internacional e brasileiro, apoiando-se nos ideais seculares e do progresso, e que reflete na exacerbação e ressignificação do nacionalismo árabe, a partir da criação da República Árabe Unida (1958) e da interpretação dos ideais 'nasseristas'.

**Palavras-chave:** Diáspora árabe; Brasil; Imprensa árabe; *O Oriente*; Nacionalismo árabe; Nasserismo.

SHARED SENSIBILITIES IN THE ARAB DIASPORIC PRESS: REFLECTIONS ON ARAB NATIONALISM AND 'NASSERISM' IN THE *ORIENT*

**Abstract:** This article analyzes the magazine *O Oriente*, edited by Mussa Kuraïem between 1927 and 1974, an important vehicle for the Arab press in Brazil, as a means of cultural and political mediation in the production and adaptation of Arab subjectivities in a diasporic context. By addressing Arab nationalism as a tradition in constant transformation, the text explores how the magazine seeks to play a central role in shaping Arab subjectivities in Brazil. Through the circulation of political and cultural discourses, *O Oriente* not only serves as a platform for cohesion within the Arab community in São Paulo but also as a space for negotiation between Arab traditions and the demands of the Brazilian context, offering its readers a way to connect with their cultural roots while simultaneously adapting to local dynamics, producing Arab sensibilities in Brazil as an ongoing process of mediation between past and present. The article thus discusses how the magazine relies on a pan-Arabist ideology aimed at the integration of Arabs in both international and Brazilian contexts, drawing on secular and progressive ideals, which

---

<sup>1</sup> Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (PPGAS/UFSC) e graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). É pesquisador na Cátedra Edward Saïd de Estudos da Contemporaneidade da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). E-mail: [luismeinberg@gmail.com](mailto:luismeinberg@gmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2325-7461>.

reflect the exacerbation and re-signification of Arab nationalism, particularly following the creation of the United Arab Republic (1958) and the interpretation of 'Nasserist' ideals.

**Keywords:** Arab diaspora; Brazil; Arab press; *O Oriente*; Arab nationalism; Nasserism.

## Introdução

A imprensa árabe no Brasil teve um papel crucial na organização das comunidades árabes diaspóricas, principalmente entre sírios, libaneses e palestinos, e em sua integração ao espaço e à esfera pública brasileira. Desde o final do século XIX até o início do século XX - tendo *Al-Faiha* como o primeiro jornal editado e circulado no Brasil, em 1895 (Julien & Truzzi, 2023) - inúmeros jornais e revistas foram produzidos para atender às demandas culturais, sociais e políticas desses grupos diaspóricos, funcionando tanto enquanto veículos de comunicação e fortalecimento de subjetividades e identidades coletivas, bem como espaços de mediação entre esses imigrantes e a terra de chegada. Sua longevidade e seu legado tornaram-se objeto de investigação de trabalhos de diferentes áreas do conhecimento, devido a importante e histórica imigração sírio-libanesa para o Brasil, iniciada no final do século XIX, ter desencadeado uma rica produção intelectual, manifestada especialmente por meio da imprensa periódica em árabe e portuguesa e pelo fenômeno literário *Mahjar* - e por sua direta ligação com o desenvolvimento do Renascimento Árabe [*Nahda*] nas Américas.

O *Nahda* - “Renascimento” ou “Despertar”, em árabe - foi um movimento de reavivamento cultural, intelectual e político nos países árabes entre os séculos XIX e XX, potencializado e diretamente influenciado pelo contato e pelas ações colonizadoras e imperialistas do Ocidente sobre o Oriente. O *Nahda* buscou encontrar uma síntese entre a tradição e a modernidade nas sociedades árabes por meio de reformas educacionais, científicas, políticas e literárias; ao mesmo tempo em que se defendia a valorização da identidade árabe e do Islã, promoviam ideais seculares de progresso e modernização. Zeghidour elenca três aspectos fundamentais que são valorizados pelo movimento *Nahda*: (i) a função da literatura na cultura árabe, (ii) o papel preponderante dos árabes cristãos na origem deste Renascimento e (iii) a emigração enquanto arquétipo permanente na cultura árabe (1982, p.9).

A respeito do terceiro aspecto elencado, nota-se o vínculo entre o Renascimento árabe e sua influência em outras terras, a partir da possibilidade de se desenvolvê-lo para além de países árabes. Se o *Nahda* foi um movimento de renovação dentro do mundo árabe, o *Mahjar* - que pode ser traduzido como “emigração” ou “lugar para qual se migra” - representou a expressão dessa renovação entre os árabes migrantes. De acordo com Zeghidour, o Brasil foi palco de um dos momentos mais decisivos para o desenvolvimento da poesia árabe moderna e da imprensa árabe (1982, p. 7) e ressalta a importância do *Nahda* para a emigração síria e libanesa ao Brasil, para além de fatores econômicos, uma vez que emigraram de seus países devido às pressões eminentes dos otomanos contra esta ideologia: “em função disto, o período brasileiro foi o ponto de convergência de todas as correntes de ideias e seu ponto de encontro. Foi o lugar em que se concentrou a esperança e de onde brotará a literatura árabe moderna” (id: p.9).

Os imigrantes de origem síria e libanesa que aportaram no estado de São Paulo ao longo dos anos fizeram o movimento migratório por diferentes motivações e fatores

contextuais, tanto no país de origem, como no país de destino<sup>2</sup>. Os primeiros fluxos migratórios registrados do Levante para o Brasil se iniciaram em 1870, e tiveram seu ápice no período entre 1895 e 1920 (Truzzi, 1997)<sup>3</sup>. Tal período é majoritariamente marcado pela presença de imigrantes sírios, libaneses e palestinos de religião cristã. Entretanto, embora a maioria assim fosse, 15% deles eram muçulmanos divididos em uma grande diversidade confessional, existindo sunitas, xiitas, alauítas e drusos (Lesser, 2001: 97 *apud* Pinto, 2010: 205)<sup>4</sup>. Posteriormente, nos anos 1970, o Brasil viu um aumento na imigração proveniente do Oriente Médio de pessoas que professavam a fé muçulmana, impulsionada pela Guerra Civil Libanesa (1975-1990), as guerras árabe-israelenses, a crise econômica na região e a ocupação sionista e genocida israelense dos territórios palestinos e do sul do Líbano, ainda em curso atualmente, em 2025. A partir do aumento do número de muçulmanos, têm-se o movimento de criação e construção de mesquitas no Brasil, presentes, inicialmente, nos estados de São Paulo, Mato Grosso, Goiás, Distrito Federal, Minas Gerais, Paraná e Rio de Janeiro (Pinto, 2010).

Osman (2020), em um balanço da produção acadêmica sobre imigração árabe no Brasil, demonstra que as pesquisas ganham notoriedade entre os anos 1930 e 1960 quando os próprios membros da comunidade árabe - sejam eles nascidos no Oriente Médio ou descendentes nascidos no Brasil - passaram a engajar-se com a produção de obras que retratavam a experiência de imigração e sua “identidade migrante”. Essas obras são marcos fundadores e não deixam de carregar um certo tom “memorialístico”. Elas tinham como objetivo construir uma narrativa do processo diaspórico que seu povo experienciou, passando tanto por sofrimentos e dificuldades, até atingir uma posição de sucesso. Assim retratam os processos de assimilação, inserção e adaptação na terra de chegada, a exaltação das contribuições culturais que o grupo proporcionou ao Brasil e as “qualidades inatas” de sua “raça” e “sangue”:

De forma geral, esses trabalhos reificam uma história da imigração e uma figura do migrante que vêem esse processo como continuidades e permanências, iniciando na saída do grupo de seu lugar de origem, continuando com a acomodação no novo território, as estratégias de adaptação à cultura local, o enaltecimento das dificuldades e a superação como uma qualidade inata rumo a sucesso final: econômico, político e social. (Osman, 2020: p. 244)

Acrescentando ao debate das produções “nativas” entre os árabes em território brasileiro, Pinto (2016), por sua vez, argumenta que a presença árabe no Brasil desencadeou um fluxo de produção de conhecimento orientalista no país - movimento denominado “orientalismo brasileiro” -, que age negativamente contra os imigrantes de fala e origem árabe, construindo, a partir de uma alteridade cultural, representações estigmatizadas e estereotipadas que denunciavam um imaginário social que considerava a presença desses imigrantes como “indesejável” no Brasil. Entretanto, existe, também, a apropriação desse discurso por parte da comunidade árabe, que o transformou positivamente para si mesmo. O autor chama de “orientalismo nativo”, um conjunto de

<sup>2</sup> Ver Khater (2001);

<sup>3</sup> Uma das primeiras levas de imigrantes médio-orientais no Brasil data do final do século XIX e era composta de judeus do Marrocos (Lesser, 1999: 45 *apud* Karam, 2009: 31).

<sup>4</sup> Como exemplo, temos a formação da União Beneficente Muçulmana de Barretos, em 1945, fruto do esforço coletivo de sírios e libaneses muçulmanos da cidade de Barretos e de outras cidades vizinhas no interior de São Paulo, como Colina, Guaíra, Bebedouro, Jaborandi, Severínia e Monte Alto (ver Garcia, 2024).

discursos mobilizados para criar uma série de narrativas específicas que negociavam a alteridade e diferença do imigrante árabe em relação à sociedade brasileira, que se diferenciam da ideia de Saïd (2007), que enxerga essa apropriação de modo a criar uma “falsa consciência” no indivíduo, mas sim enquanto uma forma de agência que transforma e flexibiliza hierarquias culturais.

É, justamente, sobre os conhecimentos produzidos e as estratégias “nativas”, desenvolvidas na diáspora árabe, que procuro me debruçar neste artigo, mais especificamente nas publicações da revista *O Oriente*, editada por Mussa Kuraïem e circulada no Brasil entre 1927 e 1974, fazendo parte da chamada imprensa árabe em território brasileiro. Meu intuito é oferecer uma análise sobre seu papel no desenvolvimento dos sentimentos do nacionalismo árabe e do pan-arabismo em situação diaspórica. Cabe ressaltar, aqui, que a presente pesquisa foi realizada no âmbito da Cátedra Edward Saïd de Estudos da Contemporaneidade da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)<sup>5</sup>, no qual as edições da revista *O Oriente* foram disponibilizadas pelo Projeto de Digitalização da Memória da Imigração Árabe no Brasil, uma parceria entre a Université du Saint Esprit de Kaslik, Jounieh, Líbano (USEK) e Câmara do Comércio Árabe Brasileira (CCAB)<sup>6</sup>.

Os imigrantes árabes no Brasil, durante a primeira metade do século XX, com intuito de se fazerem presentes no espaço e na esfera pública brasileira, para além de almejarem a ascensão econômica, buscaram expressar sua intelectualidade por meio da criação de “[...] movimentos associativos, sociedades literárias, centros de estudos da língua árabe, fundação de editoras, criação de inúmeros jornais confluem para a intenção de manter, divulgar, estabelecer, informar sobre a cultura árabe no Brasil.” (Osman, 2025: p. 25). Assim, utilizaram a mídia impressa e a literatura não apenas como meio de expressão pública de sua etnicidade, mas também para continuar um projeto intelectual diaspórico.

Os periódicos da imprensa árabe no Brasil, como *O Oriente* e outros jornais e revistas que surgiram ao longo do século XX, abordavam uma ampla gama de temas que refletiam as preocupações e pautas da comunidade árabe na diáspora, ao mesmo tempo em que promoviam a preservação da cultura e da identidade árabe. Em edições bilíngues - em português e em árabe -, *O Oriente* apresentava e abordava, entre outros assuntos: relatos nostálgicos sobre a “Grande Síria”<sup>7</sup> e “Oriente”, notícias políticas sobre a Síria, Líbano e Palestina, manifestações políticas frente ao período de independência de nações árabes contra forças ocidentais, opiniões sobre a política brasileira, traduções de poemas da língua árabe para a portuguesa, cobertura de jantares da comunidade árabe em São Paulo, dos casamentos, dos encontros diplomáticos na capital paulistana e da agenda de viagens de seu editor, Mussa Kuraïem.

<sup>5</sup> O projeto de pesquisa sobre a diáspora árabe desenvolvido pela Cátedra Edward Saïd de Estudos da Contemporaneidade é composto por três pesquisadores, onde eu me enquadró. Escolhemos nos debruçar sobre a revista *O Oriente* devido sua longevidade, seu legado e pela quantidade de periódicos guardados no acervo. Assim, nos dividimos para folhear as páginas de quatro décadas de publicação, em que voltei meu foco para as edições dos anos 1950, motivo pelo qual escolhi analisar, neste artigo, especialmente os assuntos que desenharam os debates e os ânimos daqueles anos;

<sup>6</sup> Posteriormente, a plataforma do Khayrallah Center for Lebanese Diaspora Studies também tornou acessíveis os documentos digitalizados pelo projeto;

<sup>7</sup> Até o ano de 1918, a região que englobava Palestina, Líbano, Síria e Jordânia era conhecida política e administrativamente como “Grande Síria”. Mesmo após sua divisão, o termo continuou em uso e no imaginário entre a comunidade árabe no Brasil.

Figura 1 – A Síria e os sírios

## A Síria e os sírios

M a r i o   P i n t o   S e r v a

A Síria é um pequeno país na Ásia Menor, o "Aram" da Bíblia, que se estende entre os Eufrates, a Arábia e o Mediterrâneo. Tem um superfície apenas de 159.000 quilômetros quadrados.

São os sírios representantes de uma antiga civilização. Não obstante a pequena população existente, essa antiga civilização dos sírios os faz um povo de notável intensidade de vida. Em todo o Mediterrâneo, eles se expandem por toda a parte com sua atividade incansável. No Egito, no Norte da África, nos países europeus e por toda a América, os sírios se caracterizam por uma notável capacidade de adaptação aos ambientes mais diversos. Povo expansivo e instruído, no comércio, na indústria, assim como na agricultura, em todos os ramos da atividade mental e prática, por toda parte, eles são encontrados dedicando sua inteligência culta e sua operosidade organizada ao progresso dos novos países em que passam a viver.

O que os caracteriza é que eles, emprestando a sua intensa atividade ao progresso das nações a que se dirigem, nunca se perturbam com nenhuma tendência perigosa, mas, ao contrário são sempre um elemento de ordem e progresso, contribuindo ativamente, por todas as formas, para promover o desenvolvimento da civilização por toda parte.

Não obstante provirem de país diverso em raça e religião, nunca, em parte alguma, criam dissídio com nenhuma outra raça ou povo, mas se assimilam e incorporam integralmente com os novos países, tão pacífica é a sua índole.

Nos diferentes países do mundo, os elementos alienígenas que os procuram, soem por vezes levar também para o novo habitat, sedimentos de sizania ou contendas desta ou daquela natureza, ao passo que o sírio é tão somente um elemento de trabalho e de atividade incansável. E notemos os numerosos sírios portadores de uma cultura completa, intelectuais de uma mentalidade integral, dominando toda a cultura moderna pelos seus amplos e completos conhecimentos.

Assim cabe destacar no Brasil essa colaboração proveitosa de todos os sírios. Em todos os vinte e um Estados do Brasil, eles por toda parte levam o seu trabalho, a sua atividade, o seu espírito pacífico, a sua sobriedade, a sua temperança, irmando-se também por toda parte com os brasileiros e integrando-se por completo dentro do nosso viver e nossa nacionalidade.

Principalmente no Estado de São Paulo é de notar

essa cooperação síria, pacífica, ordeira, de intensidade traz um resquício ou levedo de qualquer sizania para dentro da nossa comunidades.

Junto com isso é de notar o espírito progressista do sírio, que evoluiu constantemente, apropriando-se de todos os elementos da civilização moderna, tanto no ponto de vista intelectual como industrial e prático.

Dir-se-ia que nos sírios da atualidade há a herança dos fenícios antigos. Foram estes um dos povos mais cultos da antiguidade e um dos que mais estenderam a civilização humana. Mil anos antes, os sírios de Ugarit inventaram e legaram-nos o alfabeto.

Percorreram, na antiguidade, as mais longínquas regiões conhecidas do globo. Fizeram, séculos antes de Cristo, várias vezes, o periplo ou viagem em torno à África inteira. Expandiram o seu comércio por todas as partes. Fundaram Cártago antigo. E tudo isso, que os fenícios levaram a efeito, demonstra necessariamente um alto grau de civilização e uma grande soma de conhecimentos, sem os quais não podiam ter realizado os empreendimentos formidáveis que pertenceram.

A civilização mediterrânea base da civilização moderna, foi, em parte, considerável obra dos árabes e dos fenícios. Foram eles os primeiros comerciantes da antiguidade. Já Ezequiel (XXVII, 12-25) mostra como era intenso o comércio promovido pelos fenícios, por mar e por terra. Eram eles que distribuíam pelo resto do mundo os produtos do Egito e da Babilônia. Das terras de Eufrates e do Trígis comunicações comerciais regulares e normais havia para o mediterrâneo com entreposto pelo caminho, vários deles mencionados pelo mesmo Ezequiel. — No Egito antigo os mercadores fenícios tiveram entrepostos; só eles foram capazes de manter um comércio proveitoso nos anárquicos tempos do império egípcio quando todos os outros mercadores alienígenas se retiraram.

E o comércio sempre foi o mais ativo elemento da civilização. Assim, a índole pacífica e civilizada dos fenícios antigos, hoje se estampa nesse mesmo temperamento dos sírios da atualidade. E como no mundo antigo, por todos os cantos do orbe conhecido, se encontravam esses pacíficos promotores da civilização, com as suas incursões comerciais, assim no mundo moderno os sírios por toda parte, com o mesmo espírito de atividade ordeira, de empreendimento pacífico, se vêm, na faina incansável do trabalho útil.

**EMPORIO DAS CASIMIRAS**  
CASIMIRAS, LINHOS, BRINS E AVIAMENTOS P/ ALFAIATES

**TECIDOS ALEXANDRE ARAP S. A.**

صناعة الجوخ اسکندر عرب

Rua Florencio de Abreu, 20 — Telephone: 32-6330 — São Paulo

Fonte: *O Oriente* (abril/1955).

A imagem acima (Figura 1) demonstra diferentes nuances e centros de performance da revista *O Oriente*. Trata-se de um artigo assinado por um dos colunistas da publicação, que enaltece a rica história da Síria e atribui ao povo sírio características "inatas", ao mesmo tempo em que ressalta sua capacidade de adaptação a novos

contextos sociais e culturais. Além disso, o texto também destaca a contribuição econômica dos sírios para qualquer sociedade que os receba. Para completar, ao final da página, há uma propaganda de um comércio em São Paulo, liderado por um empresário árabe.

Ao longo de sua trajetória, *O Oriente* se destacou como um dos principais meios de comunicação da imprensa árabe no Brasil, oferecendo um espaço não apenas para o fortalecimento da identidade cultural árabe, mas também para o engajamento político e social da comunidade árabe em São Paulo. No entanto, a revista não se limita a ser um simples canal informativo. Ela opera ativamente na criação de um "campo" discursivo, onde o nacionalismo árabe se manifesta e se negocia, sendo possível observar suas posições políticas desde os anos 1920 e sua exacerbação, especialmente, nos anos 1950. Nesse sentido, *O Oriente* não é apenas um reflexo da diáspora, mas um elemento ativo na construção da memória e na definição de valores compartilhados dentro da comunidade árabe no Brasil. Ela serve como um ponto de articulação entre o passado e o presente, entre as práticas culturais árabes e as formas de adaptação necessárias para a convivência na sociedade brasileira.

De maneira geral, na arena política, *O Oriente* propunha e disputava projetos tanto para as nações árabes, como para a nação brasileira. Osman (2025) demonstra que eventos históricos como a proibição, durante a Era Vargas (1941-1945), de publicações em línguas estrangeiras no Brasil, bem como o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e a independência da Síria e do Líbano, impactaram diretamente a imprensa árabe no país. Essas transformações políticas e sociais resultaram no enfraquecimento do entusiasmo cultural e político que sustentava essas publicações, levando a uma redução significativa no número de jornais em circulação. No entanto, apesar desse cenário adverso, a revista *O Oriente* resistiu a esses eventos e às restrições impostas, e sua continuidade e longevidade sugerem que a publicação soube se adaptar às novas circunstâncias.

Um exemplo surge, especialmente nos anos 1950, quando a linha editorial da revista se alinhou às lutas anticoloniais e anti-imperialistas que marcaram a década. Diante da crescente mobilização de comunidades árabes no Brasil e no mundo, a publicação não apenas sobreviveu ao declínio da imprensa árabe no país, mas também reafirmou sua relevância ao engajar-se em debates políticos fundamentais para seus leitores. Seu posicionamento a favor da autodeterminação dos povos árabes e contra as políticas imperialistas reforça seu papel como veículo de resistência e articulação identitária. Esse engajamento político evidencia um direcionamento específico da revista, que se distancia de uma abordagem exclusivamente culturalista e assume um papel ativo na defesa das causas árabes no cenário internacional.

Nesse contexto, observa-se uma imersão significativa quando *O Oriente* passa a dedicar maior atenção à figura de Gamal Abdel Nasser - e às políticas nacionalistas aplicadas em seu governo - e à formação da República Árabe Unida (RAU) em 1958, composta pela união entre a Síria e o Egito. A ascensão de Nasser como líder do pan-arabismo e sua postura "resistente" diante das potências ocidentais ressoaram fortemente entre os árabes da diáspora, refletindo-se nas páginas da revista. Esse movimento sinaliza não apenas uma mudança nas prioridades editoriais, mas também um realinhamento discursivo, em que *O Oriente* se posiciona como um agente mediador das aspirações políticas e identitárias da comunidade árabe no Brasil.



Sendo assim, este artigo se debruça especialmente sobre as representações que a revista produziu frente a figura do líder pan-arabista e sobre seu apoio ao projeto da RAU. Também, procura destacar como *O Oriente* desempenha um papel fundamental na produção de subjetividades e na construção de uma tradição cultural que é simultaneamente enraizada em uma história árabe e adaptada ao novo contexto brasileiro. A revista não apenas veicula um discurso político e cultural, mas também o transforma ao ser consumida e reinterpretada por seus leitores, oferecendo um espaço vital para a negociação das identidades e a formulação de um projeto político que, embora derivado do nacionalismo árabe, se refaz nas condições de sua diáspora. No que segue, irei me debruçar sobre conceitos fundamentais para nossa compreensão sobre mediação e nacionalismo árabe, e, em seguida, sobre alguns posicionamentos do periódico durante os anos 1950, refletindo sobre como *O Oriente* exemplifica a complexa relação entre mídia, identidade e tradição no contexto da diáspora árabe no Brasil.

### Mediação e *O Oriente*

O termo “nacionalismo popular”, sugere Hourani (2006), apresenta um projeto de construção de sensibilidades políticas e imperativos morais patrióticos desenvolvido nos países árabes durante as décadas de 1950 e 1960. Em meio à época em que a noção de “Terceiro Mundo” se tornou importante, esse nacionalismo se apoiava na posição de “não-alinhamento” com qualquer um dos blocos constituintes do cenário da Guerra Fria entre “Oriente comunista” e “Ocidente capitalista”. Ou seja, os países árabes uniram-se em uma frente comum com os países em desenvolvimento, construindo seu poderio pela ação coletiva conjunta, frente aos compromissos anti-imperialistas e anti-coloniais contra as nações ocidentais. A Conferência de Bandung, em 1955, é considerada um marco em que os países asiáticos e africanos não-alinhados construíram laços de união no Sul Global e estabeleceram uma série de princípios políticos e morais os quais guiaram suas agendas políticas em prol da paz, do desenvolvimento econômico e da descolonização.

Mas havia algo que fazia com que os países se diferenciasssem dentro dessa grande união do Terceiro Mundo. No mesmo período<sup>8</sup>, crescia a ideia de uma “unidade árabe”, sob a concepção de que

os estados árabes recém-independentes tinham bastante em comum, em cultura e experiência histórica divididas, além de interesses partilhados, para tornar-lhes possível entrar em estreita união uns com os outros, e essa união lhes daria não só maior poder coletivo, mas traria aquela unidade moral entre povo e governo que tornaria o governo legítimo e estável. (Hourani, 2006, p. 385)

Chamo atenção para uma importante noção empregada na passagem acima: a de que “unidade árabe” estaria atrelada a, na verdade, uma “unidade moral”. O nacionalismo árabe se trata de um discurso político-secular que se apropriou das noções já descritas, como a “política de não-alinhamento” e o sentimento de “unidade árabe”.

---

<sup>8</sup> Antes, em 1939, aconteceu a Conferência de Londres, considerada a primeira reunião internacional em que países árabes se uniram para expressar a ideia de que os árabes possuíam interesses e perspectivas em comum. Apesar de ser um primeiro movimento, a noção de “unidade árabe” ainda não angariava tamanha força como o faria a partir dos anos 1950, quando o Egito, liderado por Gamal Abdel Nasser, se apropria desse discurso.

Juntamente com estes dois elementos, havia um terceiro que se tratava da defesa do “socialismo árabe”. Baseado em ideais como a libertação e a liberdade do sujeito, o socialismo árabe se fundamentava na ideia de que toda sociedade deveria centralizar o poder em um Estado que controlaria todos os recursos, distribuiria a renda equitativamente e governaria em prol da defesa dos interesses de todos. Esse discurso, portanto, permeia o imaginário e as decisões políticas de diferentes países árabes que, cada um à sua maneira, o utiliza sob diferentes abordagens, contextos e interesses.

Enquanto fenômeno cultural e político, o nacionalismo árabe possui uma estrutura complexa que transcende os limites das fronteiras geográficas e políticas, especialmente quando analisado em contextos diaspóricos, como o caso dos árabes no Brasil pretendido neste artigo. Nesse cenário, o nacionalismo árabe pode ser compreendido como um sistema normativo, que não apenas se traduz em um discurso unificador sobre a identidade árabe, mas também se adapta e se reinventa frente a novas realidades, como no *Mahjar*. A reflexão sobre sua normatividade aponta para a maneira como esse movimento foi apropriado e ressignificado entre os árabes e seus descendentes no Brasil, seja por meio da corporificação do discurso, seja pela resistência e pela liberdade frente a ele. Este fenômeno revela a fluidez e a complexidade das subjetividades, que, ao se adaptarem ao novo contexto, reformulam a tradição, mas sem perder de vista suas raízes históricas.

A reflexão aqui proposta sobre o nacionalismo árabe como um projeto político e uma tradição, à luz dos pensamentos de Talal Asad e Alasdair MacIntyre, abre um campo fértil para a análise antropológica. MacIntyre (2001), com sua abordagem aristotélica da ética das virtudes e das tradições como práticas que envolvem um discurso moral contínuo, e Asad (1986), ao propor um olhar para os processos de subjetivação dentro de sistemas normativos e discursos de poder, fornecem suporte para pensar o nacionalismo árabe não apenas como uma ideologia de unificação, mas como um conjunto de valores e práticas que exigem de seus seguidores uma internalização moral. Estou compreendendo, assim, o discurso nacionalista como uma tradição nos termos ‘asadianos’, que consiste fundamentalmente “[...] em discursos que procuram instruir os praticantes sobre a forma correta e a finalidade de uma determinada prática que, precisamente por estar estabelecida, tem uma história” (Asad, 1986: p. 21).

Em outras palavras, uma tradição, em seu aspecto discursivo, refere-se a atos linguísticos transmitidos entre gerações como parte de um modo de vida. Sendo assim, no contexto da diáspora árabe no Brasil, o nacionalismo árabe se configura não apenas como uma identidade política a ser reivindicada, mas como um campo de negociação cultural, onde os sujeitos e suas comunidades enfrentam a tensão entre o pertencimento a uma identidade estrangeira e as exigências do novo contexto social e político, e tornar-se parte integrante do lugar de chegada.

Esse processo de negociação da subjetividade árabe-brasileira é, de fato, uma adaptação. Como toda tradição, o nacionalismo árabe não se apresenta de forma monolítica, mas sim como um espaço dinâmico onde diferentes narrativas e práticas entram em diálogo com o contexto local. Nos diferentes países e contextos, o nacionalismo árabe assumiu formas variadas<sup>9</sup>, mas sempre com a ideia de uma unidade moral subjacente, que exige que seus adeptos desenvolvam e cultivem sensibilidades que os conectem à ideia de ser árabe e, conseqüentemente, às suas demandas coletivas. No

---

<sup>9</sup> Ver em Hourani (2006);



Brasil, essa conexão não é unidimensional, mas, ao contrário, envolve uma complexa negociação entre a manutenção de uma herança cultural árabe e a adaptação às realidades brasileiras.

Neste contexto, a revista *O Oriente* representa um importante elemento na análise do nacionalismo árabe em contexto diásporico, funcionando como um veículo de comunicação que não apenas reflete, mas também produz e mediatiza as interações entre o discurso nacionalista árabe e os sujeitos árabes no Brasil. Anderson (1993), argumenta que as nações são construções sociais sustentadas por mecanismos culturais, especialmente a mídia impressa, que permitem a indivíduos dispersos imaginarem-se como parte de um coletivo coeso. No contexto da diáspora árabe no Brasil, essa noção é particularmente relevante, pois jornais e revistas como *O Oriente* funcionaram como veículos não apenas de informação, mas de construção identitária, alimentando um imaginário pan-arabista entre leitores distantes geograficamente e culturalmente do mundo árabe. No entanto, como complementa Meyer (2009), a imaginação não é um processo puramente cognitivo; ela se torna socialmente eficaz quando se materializa em formas sensoriais e midiáticas. Assim, perguntamo-nos: como a imprensa árabe no Brasil não apenas representou, mas encarnou o nacionalismo árabe, transformando-o em uma experiência sensível e "verdadeira"?

Figura 2 – Os povos árabes

**Os povos árabes**  
 Palavras do ministro sirio Saleh Aquil  
 تصريحات وجيهة للوزير صالح عقيل

O futuro, sem duvida, é dos povos fracos. Não tardará, a hora em que os povos serão julgados pela moral e pelas virtudes espirituais e não pelo numero de seus canhões e importância de suas esquadras. Que seria da humanidade sem esses povos modestos, honestos e bons? Onde encontrariam paz e asilo os humildes e os perseguidos?

São os pobres que ajudam os pobres, os ricos, quando o fazem, querem recompensa: um sorriso ou um pedaço do céu. Os fracos também ajudam os fracos e não exigem, em troca, recompensa alguma.


Quando chegar a hora aguardada, desfilarão os super homens e os colonialistas com os seus uniformes de guerra, tendo às lapelas, medalhas ganhas pelos saques e assassinios. A seguir virão os escravos, os mercenários e os da "carne de canhão", cujas cidades foram arrasadas, porque as maquinas dos profissionais da guerra exigiam petroleo e campos espaçosos para exibirem o seu poderio. De povos fracos, alguns tinham confiança em sua força, outros queriam convencer o mundo que são também, e pisaram sem piedade aqueles que duvidaram. Os sirios, os egipcios, os iemenitas os algerianos, e os cipriotas, também faziam fila entre os povos fracos que sabem defender a sua soberania.

Queremos, aqui, destacar a pequena Siria, como suprema defensora dos povos oprimidos, contra a qual nada puderam as ameaças dos barbaros. Durante esse julgamento, nenhum imperio poderá igualar a majestade do povo sirio, que é pela verdade, pela paz, pelo trabalho.

Se os imperialistas comparassem o poder dos seus Estados com o da Siria, não cantariam em tom maior as suas glorias efemerias, ou então, tintas as faces pelo rubor, confessariam, antes, que o melhor dos seus couraçados pouco vale, quando comparado com a tenda acolhedora de um beduino em sua patria generosa e nobre.

Parece-nos que a regra para conseguir o respeito dos outros, consiste em apelar para o terror, para a violencia, para a destruição. Por uns dias, meses, anos, poderão impor um respeito, uma resignação mas, cedo ou tarde, o odio fermentado dos povos oprimidos, a ansia pela liberdade fazem voltar os canhões contra os próprios artilheiros.

Os povos, como os individuos, são responsáveis pelos seus atos. Quando o povo árabe for julgado, não terá de responder por nenhum crime. Passou pelo mundo, servindo aos demais povos, dando graças a Alá pelos seus beneficios.



Rei Saud, em recente fotografia focalizada no Cairo.  
 مملكة الملك سعود في مصر

O Rei Saud, ao que consta, levou ao conhecimento dos três grandes árabes, reunidos em conferencia no Cairo, que o governo dos Estados Unidos sentir-se-ia feliz em concluir tratados de comercio e estabelecer mais intercâmbio com os povos árabes. Os três grandes receberam tanto essas propostas como o plano Eisenhower, com geral ceticismo.

É voz corrente, segundo um editorial no jornal oficioso "Al-Jumhuri" qua a Liga Arabe está um tanto enfraquecida, pois desde a sua fundação foi sequencia de decepções e ordem sucessiva de malogros oriundos de falta de firmeza dessa entidade diante de certas potencias estrangeiras, alem da desarmonia devida à diversidade de grau de evolução em varios Estados.

Dai a resolução dos reis árabes de se reunirem a fim de resolver assuntos graves. Há forte corrente inclinada à realização de reuniões mensais.

Fonte: *O Oriente* (março/1957).

A efervescência do momento, nos anos finais da década de 1950, mostra como a luta anti-colonial e anti-imperialista foi estimulada pela *O Oriente*, como se observa na figura acima. Com uso da ironia em chamar os povos árabes de "povos fracos", a tradução do discurso do ministro sírio Saleh Aquil nos permite olhar sobre a produção do nacionalismo alinhando o propósito de se resistir a um inimigo em comum, que seriam as forças coloniais e imperiais ocidentais.

Acrescento que o periódico pode ser observado enquanto *medium* no sentido proposto por Charles Hirschkind, ao discutir a mediação cultural por meio de formas simbólicas e práticas de comunicação. Hirschkind (2006) foca na relação entre mídia, práticas religiosas e construção de sujeitos éticos, sugerindo que os meios de comunicação não são apenas canais de transmissão de informações, mas também espaços onde se constroem e ressignificam identidades e valores. Assim, ao considerar *O Oriente* como um *medium*, podemos compreender como a revista atua na construção e na transformação das subjetividades árabes no Brasil, funcionando como um ponto de encontro simbólico e político para os árabes, ao mesmo tempo em que contribui para a adaptação e negociação de sua identidade no contexto brasileiro.

Mais do que um espaço informativo, *O Oriente* se configura como uma plataforma de coesão política, capaz de mobilizar e engajar os membros da comunidade árabe em torno de questões comuns, como a preservação da língua árabe, a promoção da cultura árabe e a defesa de direitos políticos e sociais. Essa coesão política não ocorre apenas por meio do discurso explícito, mas também pela forma como os temas são tratados e das sensibilidades que são cultivadas na leitura e nas discussões promovidas pela revista. A revista *O Oriente*, portanto, performava a unidade árabe. Por meio do uso da linguagem - alternando entre o árabe e o português -, iconografia e narrativas que celebravam figuras como Gamal Abdel Nasser, a revista corporificava o pan-arabismo, tornando-o tangível para seus leitores. Meyer nos lembra que a mídia não apenas transmite ideias, mas as encarna, gerando sensibilidades compartilhadas. A repetição de símbolos - como a resistência ao colonialismo e a exaltação da língua árabe - não apenas "imaginava" a comunidade, mas era um meio no qual ela poderia tornar-se presente no cotidiano dos imigrantes.

### Entre 'nasserismo' e a formação da República Árabe Unida: a exacerbação do sentimento árabe

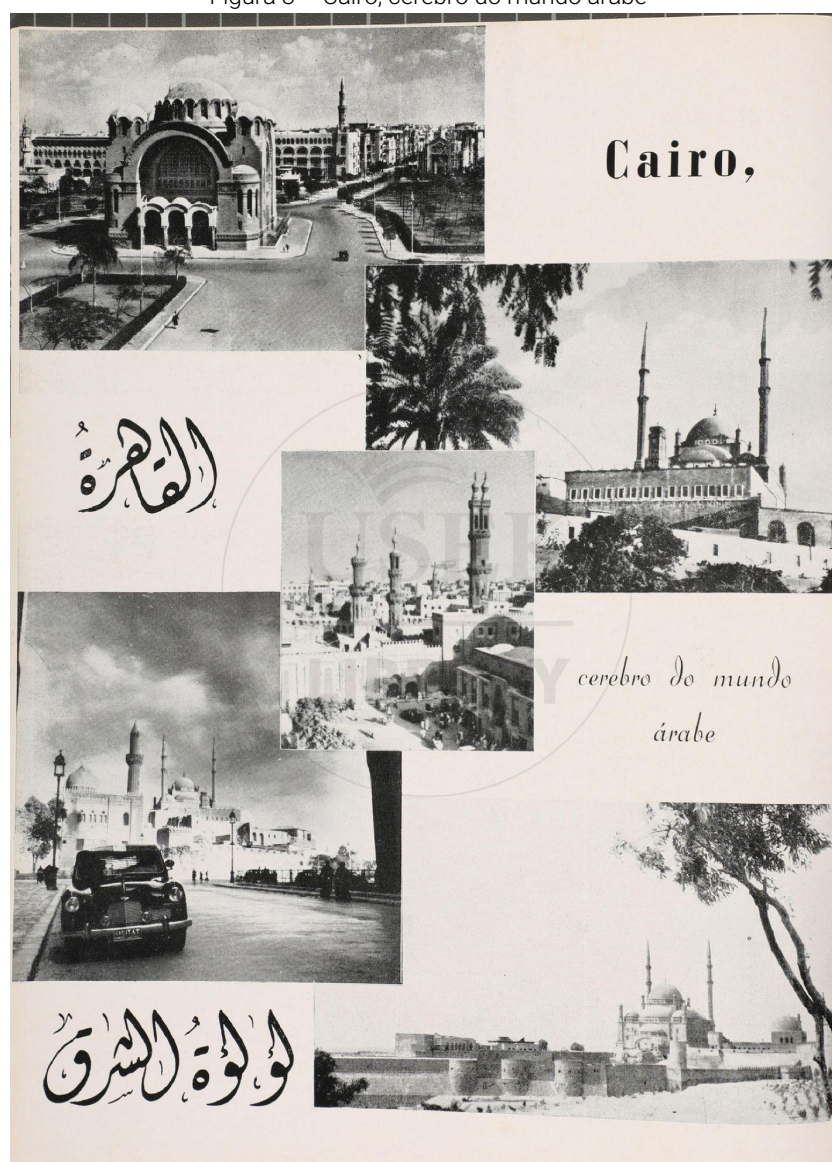
Farias (2020) nos alerta para o fato de que, no cenário acadêmico brasileiro, muito se propôs pesquisar a fundo sobre as migrações e diásporas árabes para o Brasil entre o final do século XIX e início do século XX. Em contrapartida, "são esparsas as pesquisas que evidenciam o contato entre o Brasil e a Síria após a Segunda Guerra Mundial, dando a impressão de que houve uma ruptura e um distanciamento." (Farias, 2020: p. 9). Essa observação surte efeito ao explorarmos relações diplomáticas e de interação entre os países e sobre a comunidade árabe em território brasileiro com os países árabes. Neste sentido, no que segue, procuro explorar a representação dessas relações, especialmente entre Brasil e República Árabe Unida, formada pela união entre Síria e Egito, na revista *O Oriente*. Antes disso, se faz necessário contextualizar a sua formação a partir da figura emblemática de seu líder Gamal Abdel Nasser.

A figura de Nasser ocupa um lugar central na história política do Oriente Médio e dos países árabes durante a segunda metade do século XX. Militar de formação, Nasser ascendeu ao poder após liderar a Revolução Egípcia de 1952, que resultou na derrubada da monarquia vigente e na abolição do regime colonial britânico. Com um discurso anticolonialista e nacionalista, ele se tornou um dos principais representantes do movimento pan-arabista, que buscava a unidade e o fortalecimento dos países árabes em oposição ao inimigo em comum, o imperialismo ocidental, e à fragmentação política e social da região. Sua liderança foi marcada por uma política de reformas internas - como a nacionalização do Canal de Suez (1956) e a construção da barragem de Assuã (1960) - e um engajamento diplomático robusto no cenário internacional, especialmente em relação aos países árabes e o movimento de descolonização global. Suas ações políticas e carismáticas levaram sua ideologia a ser academicamente e publicamente conhecida como "nasserismo".

O pan-arabismo, que Nasser "abraçou" - em termos carismáticos - como uma ideologia central de seu governo, propunha a união dos países árabes em uma frente comum, não apenas contra as potências coloniais europeias, mas também contra as divisões internas entre os estados árabes - algo inevitavelmente utópico. A ideia de uma

"grande nação árabe" teve ressonância em um momento em que o mundo árabe ainda estava se recuperando dos impactos do colonialismo europeu e da partilha arbitrária das fronteiras pelos poderes ocidentais após a Primeira Guerra Mundial. Nasser se tornou o "rosto" desse movimento ao promover uma visão de uma identidade árabe compartilhada, e sua política externa adotava uma retórica de solidariedade entre os povos árabes, algo que lhe garantiu um grande apoio popular, tanto no Egito quanto em outros países árabes<sup>10</sup>. Isso conferiu ao Egito o reconhecimento, por parte da *O Oriente*, como epicentro político da causa árabe. Como exemplificado na Figura 3, a Cairo, na verdade, foi conferido o posto de pensar e produzir o sentimento, a demanda e a ação da união árabe.

Figura 3 – Cairo, cérebro do mundo árabe



Fonte: *O Oriente* (março/1959).

<sup>10</sup> É importante ressaltar que o Egito não participou na linha de frente da união árabe desde os primórdios do nascimento da ideologia enquanto política. Durante algumas décadas, o pensamento egípcio agrega, a priori, um espírito patriótico [wataniyya] somente entre aqueles que viviam no Egito (Hourani, 2006). A partir da Conferência de Londres (1939) e da ascensão de Nasser, o Egito passa a construir uma agenda conjunta com o Oriente Médio.

Nasser era um defensor especificamente da causa egípcia, mas se tornou o principal líder do pan-arabismo e se apropriou de seu discurso anti-imperialista para conquistar maior influência entre os países da região. Em meio a um emaranhamento composto por diferentes forças políticas e ideológicas que brigavam por espaço no contexto egípcio pós-revolução - dentre elas, as diferentes visões sobre o Islã -, o pan-arabismo e o nacionalismo árabe ganha relevância com a questão Palestina, a partir de 1948, ano marcado pela catástrofe [*nakba*] do povo palestino, expulsos de sua terra pela invasão e ocupação sionista israelense. A questão palestina é uma pauta que congregou os nacionalistas árabes e os muçulmanos<sup>11</sup> de diversas partes do mundo, que permanece até os dias atuais.

Um dos momentos mais significativos da ascensão de Nasser foi a formação da República Árabe Unida (RAU), uma união política entre o Egito e a Síria, proclamada em 1958. A RAU representava o ápice das ambições de Nasser de consolidar a unidade árabe sob um governo centralizado e forte. Esta união foi vista como uma tentativa de superação das divisões políticas entre os países árabes e um modelo para futuras colaborações pan-árabes. No entanto, a República Árabe Unida também evidenciou as dificuldades intrínsecas à construção de uma unidade política no mundo árabe, dada a diversidade de interesses nacionais, culturais e econômicos entre os países da região. A união entre o Egito e a Síria, embora simbólica, foi marcada por tensões internas e divergências sobre a distribuição do poder, culminando no colapso da RAU em 1961, apenas três anos após sua criação. O fracasso da RAU não diminuiu, no entanto, a popularidade de Nasser no mundo árabe, que continuou a ser visto como um líder carismático da luta pela independência e pela unidade árabe.

Além disso, a queda da RAU não diminuiu a importância de sua influência e presença no Brasil, especialmente quando analisamos as diversas sinalizações de apoio e intercâmbio entre as nações durante o governo de Nasser. A relação entre as duas nações foi marcada por uma série de gestos diplomáticos e culturais que refletiram tanto a solidariedade política quanto uma estratégia de aproximação cultural e ideológica, alinhada com os princípios 'nasseristas' sobre o nacionalismo árabe e o combate ao imperialismo. Vê-se na Figura 4, a seguir, como *O Oriente* recebeu e proferiu homenagens e elogios à figura de Jamal El Farra, nomeado embaixador da RAU no Brasil por Nasser, reforçando os laços amistosos entre os países:

---

<sup>11</sup> Embora seu governo fosse secular e baseado no socialismo árabe, Nasser reconhecia o papel central do Islã na identidade e na cultura árabes, incorporando elementos religiosos em sua retórica para fortalecer seu apelo popular.



Figura 4 – Embaixador da R.A.U. na Associação Paulista de Imprensa



Fonte: *O Oriente* (janeiro/1959).

Outro acontecimento que nos interessa relemburar é que graças à influência nasserista e pan-arabista no Brasil, a anteriormente chamada Câmara de Comércio Síria-Libanesa, fundada em 1952, mudou seu nome devido à formação da RAU e suas influências:

A alteração do nome da Câmara mostra o papel cada vez mais importante das potências árabes. A união entre a Síria e o Egito, formando a República Árabe Unida (1958), e a unificação dos respectivos corpos diplomáticos no Brasil chamaram a atenção dos diretores da Câmara - ainda de origem majoritariamente sírio-libanesa - interessados em ampliar 'as relações com os países árabes'. No mesmo ano, reuniram-se com o cônsul-geral da República Árabe Unida no Brasil e adotaram o nome de Câmara de Comércio Árabe Brasileira. (Karam, 2009: p. 58)

O Acordo Cultural firmado em 1960 entre o Brasil e a República Árabe Unida destacou-se como um marco significativo nas relações bilaterais. Mais do que um simples acordo comercial ou econômico, esse pacto foi uma manifestação da intenção

de Nasser de promover uma aproximação cultural com países não árabes. Para Nasser, o desenvolvimento da educação e da cultura era um pilar essencial de sua ideologia, sendo uma maneira de propagar os valores do pan-arabismo e de fortalecer a identidade árabe em um cenário global. O acordo cultural, nesse sentido, possuía uma importância simbólica muito maior do que qualquer transação econômica, refletindo o desejo de fortalecer laços ideológicos e culturais.

Entre as ações concretas desse acordo, destaca-se a criação do Departamento de Estudos Árabes da Universidade de São Paulo (USP), com a colaboração do professor enviado pela RAU ao Brasil, Helmi Nasr. A criação desse centro de estudos e a presença de intelectuais árabes no Brasil marcaram uma fase de intercâmbio acadêmico e cultural que ressoava com a visão de Nasser sobre a importância da educação como instrumento de transformação social e política. A parceria com o Brasil, portanto, estava profundamente alinhada com os princípios de Nasser, que via a difusão cultural como uma forma de fortalecer as bases ideológicas do movimento pan-árabe, criando pontes de entendimento entre as diversas nações em desenvolvimento.



Figura 5 – Ouvindo a palavra do novo mito árabe (parte 1)



Fonte: *O Oriente* (outubro/1959).

Figura 6 – Ouvindo a palavra do novo mito árabe (parte 2)

Este o salão de honra da residência particular do presidente Gamal Abdel Nasser, onde o jornalista ouviu a palavra do líder de todos os árabes, durante duas horas



في دار السيد الرئيس

Na residência do presidente Nasser

É oportuno assinalar que esta residência foi do presidente antes de assumir o poder e continua sendo a preferida. Eis que os palácios do ex-rei Farouque tornaram-se museus para gaudío e satisfação da população

A propósito dos empréstimos que a R. A. U. pleiteia para sua industrialização e tanta celeuma provocou, o presidente Nasser, afirmou-nos que tem horror aos gastos sem medida, verdadeira aversão á despesa inútil. Cabe ao bom governo — prosseguiu — poupar dinheiro, economizar, amedilhar, porque somente assim, o Estado poderá ser forte, rico, poderoso e, só assim, o país poderá preservar sua independência política assegurando a independência financeira.

Sobre o problema da educação o presidente assim se exprimiu: «Formar a alma dos seres humanos é o primeiro dever da família onde nascem, das nações onde vivem. Para tal, os pais e mães de família e os chefes de Estado precisam dar exemplo de firmeza no cumprimento do dever, de compreensão dos problemas humanos, de habilidade ante as encruzilhadas da vida, de capacidade de sacrifício e de renúncia. Fibra não se cria, mas se enrijece na luta e no trabalho. A maior falha da educação moderna é justamente esta: não formar o homem para resistir á adversidade. Habitado às facilidades da técnica; ao desregramento da sociedade; ao afrouxamento dos laços familiares; ao embotamento da sensibilidade, não se prepara para os momentos difíceis, nos quais a fortuna foge, a desgraça surge, a esperança fenece. E por isso fraqueja. Transige. É preciso educar, para saber sofrer e resistir. Quem não sabe sofrer, não resiste. Quem não resiste, não vence. Eis por que a salvação do homem e das nações está na educação, que sucede a alfabetização».

Quanto á união dos povos árabes s. excia. asseverou que «jamais aceitará a união de qualquer região árabe, sem ser proclamada essa vontade, através da votação unânime do povo, como ocorreu na Síria». Falando com entusiasmo, o presidente Nasser pareceu-nos uma convicção em marcha, um ideal que avança e se concretiza em realizações grandiosas e um sonho que se realiza.

Alma de califa, feita de mesticismo e de ação, de vida interior e de projeção luminosa, Nasser acabará por reconstruir uma nação, ressucitar um povo, agrupar centenas de emiratos e colocar setenta milhões de árabes a serviço da civilização e da humanidade.

Fonte: *O Oriente* (outubro/1959).

As figuras acima - em que ambas são complementares e sequenciais - ilustram o emblemático momento em que a revista *O Oriente*, por meio de seu editor-chefe Mussa Kuraïem, registra seu encontro com aquele que consideram o “mito árabe” ou o “líder dos árabes”, Gamal Abdel Nasser. Na recepção, Nasser expressou sua satisfação com o trabalho desempenhado pelo jornalista na construção de pontes entre a República Árabe Unida (RAU) e o Brasil. Ele reconheceu o papel essencial de intelectuais e diplomatas na criação de novas formas de solidariedade espiritual e material entre os povos árabes e latino-americanos. Essa fala revela um esforço consciente de Nasser em expandir sua influência para além do Oriente Médio, reforçando a identidade árabe no exterior e mobilizando a diáspora para a causa pan-arabista.

O encontro entre Kuraïem e Nasser, portanto, reforçou o papel da colônia árabe brasileira como um elo entre o Brasil e a causa nacionalista árabe. Ao registrar e divulgar as palavras do líder egípcio, Kuraïem atuou como mediador desse ideal, ajudando a consolidar um sentimento de pertencimento por meio de sensibilidades compartilhadas entre os árabes no Brasil. Esse episódio demonstra como o nacionalismo árabe não se limitou às fronteiras do Oriente Médio, mas encontrou ressonância em comunidades espalhadas pelo mundo, como a do Brasil, onde a história da imigração árabe se entrelaça com a construção de uma identidade transnacional.



Figura 7 – Afirma o jornalista Mussa Kuraïem: “o sonho da união dos árabes era antes de Kuatly que de Gamal Nasser” (parte 1)




Presidente Nasser

الرئيس جمال عبد الناصر

Presidente Kuatly

الرئيس شكري القوتلي

# USEK

AFIRMA O JORNALISTA MUSSA KURAIEM:

## «O sonho da união dos árabes era antes de Kuatly que de Gamal Nasser»

«O ex-presidente sirio, vendo sua nação ameaçada, quis substituir a bandeira siria pela da união de todos os arabes» — Propaganda intensa, estimulando rivalidades nas varias regiões, para impedir adesões — «Voltou a predominar a concepção tribal de 8 mil anos» — Estudioso dos problemas do Oriente Médio, visitou 11 vezes os países arabes

«O sonho da união dos árabes era antes de Chukry Kuatly que de Gamal Nasser. O presidente Nasser nem existia quando Kuatly liderava na Síria a oposição aos turcos e aos franceses. Quem teve a idéia da RAU foi Kuatly, que viu em Nasser o líder mais indicado para realizar a união dos árabes», declarou à reportagem o jornalista Mussa Kuraïem, diretor da revista «Oriente» e um dos maiores estudiosos dos problemas do Oriente Próximo.

Kuraïem, nascido no Brasil, filho de pais sírios, além de manter correspondência permanente com políticos e jornalistas dos países árabes, visitou oito vezes aquelas regiões. Depois de formada a RAU, esteve mais três vezes percorrendo os países árabes. Essa a razão porque Mussa Kuraïem tem sua explicação própria sobre os recentes acontecimentos que culminaram na separação da Síria, e uma interpretação diversa daquela que nos vêm através do noticiário das agências telegráficas.

**A Síria vivia ameaçada**

Kuraïem lembra que a «mentalidade árabe, desde há 7.000 ou 8.000 anos, se caracterizava pela rebeldia, o dese-

jo de liberdade e a concepção tribal». Centenas de tribos, desligadas e independentes, viveram sempre em luta. Na Síria, pela primeira vez, foi possível fixar os beduínos ao solo.

— «A fixação ao solo não mudou a psicologia daqueles povos, desde o Líbano até as fronteiras da Índia. Os emiratos viviam isolados, com tradições desarmoniosas. As ocupações estrangeiras, entre os quais os turcos durante 500 anos, contribuíram para desuni-lo. Os franceses e ingleses formaram várias pequenas nações procurando incutir nelas a idéia de que tinham origens distintas e aculavam as rivalidades e suscetibilidades. Assim se formaram a Jordânia e a Palestina, de acordo com os interesses das grandes potências européias. Em 1945, com a independência, a Síria pagou um preço penoso, Damasco várias vezes bombardeada pelos franceses. O país, com 4 milhões de habitantes, viu-se, poucos anos depois, vítima da «guerra fria». Estava rodeado pela Jordânia, Turquia, e Iraque, que faziam parte do Pacto de Bagdad, e por Israel que via o pacto com simpatia.

Os sírios, fatigados de séculos de sujeição, não queriam sujeitar-se a ninguém. Como o país não aderisse ao Pacto, começou a propaganda intensa insinuando que a

6

Fonte: *O Oriente* (outubro/1961).



Figura 8 – Afirma o jornalista Mussa Kuraïem: “o sonho da união dos árabes era antes de Kautly que de Gamal Nasser” (parte 2)



O Nilo atravessando o coração do Cairo

النيل يمر في قلب القاهرة

Síria sofria infiltração soviética. Quando fui, do Brasil, entrevistar Kautly, alguns anos atrás, o então presidente sírio chegou a derramar lágrimas, revoltado com o que diziam da Síria e afirmava que a Síria estava ameaçada de invasão pela Turquia, que tinha 50.000 homens na fronteira com a intenção de ocupar Alepo; pela Jordânia, preparada pelos ingleses; pelo Iraque, que se considerava com direitos de soberania sobre os sírios, e por Ben Gurion, que havia convidado 4 milhões de israelitas para fixarem-se em Israel. Kautly perguntava onde seriam colocados esses 4 milhões de judeus, se já havia dificuldade de domicílio para os 2 milhões de Israel. O presidente sírio estava convencido de que eles pretendiam invadir a Síria. Então Kautly voltou a acalentar o sonho de sua mocidade, afirmando que só substituiria a bandeira síria pela bandeira da união árabe. Acreditava que as nações os emiratos esquecessem as concepções tribais e formassem uma grande pátria, apta a garantir a segurança do Oriente Médio e afastar o perigo das nações colonialistas. Convencido disso, entrou em entendimentos com Gamal Nasser, que lhe parecia um líder nascido para concretizar os anseios dos árabes e é dotado de vasta cultura política. Kautly pensava em termos de federação ou confederação árabe. Dizia que com 3 bilhões de dollars, pagos pelas companhias de petróleo, seria possível fazer prosperarem 50 milhões de árabes, aproveitar outras riquezas do subsolo e afastar perigos de invasão ou de anexação. Gamal Nasser respondeu que «seria uma das maiores felicidades unir os povos árabes e afastar o espectro da sujeição». No entanto Nasser quis um plebiscito formal e solene. Realizado o plebiscito, 98,5% dos sírios votaram a favor da união. Para Kautly, era o primeiro passo para a união dos árabes.

**A propaganda contra a União**

«Deixando, assim, de ser presidente da Síria, Kautly esperou que o exemplo fosse seguido e que outros líderes dos demais países tivessem igual compreensão. Mas o que aconteceu? As nações européias sempre agiram em função da desunião. Uma propaganda intensa se desenvolveu, acusando-se Nasser de imperialista. Ao mesmo tempo, começaram a bater na velha tecla, dizendo que os egípcios não são árabes, mas faraônicos; que os libaneses são fenícios; que ao rei Hussein, descendente de Maomé, é que caberia o governo de todos os árabes; que os alauistas foram os que mais contribuíram para a cultura, inventando o alfabeto. Tudo era feito para evitar adesões à RAU, pois cada nação dizia que se uniria se as outras o fizessem.

E o problema culminou com as medidas tomadas por Nasser, como a reforma agrária, que descontentou os feudais da Síria, e a nacionalização de várias empresas. O espírito tradicional de rebeldia manifestou-se novamente. Voltou a predominar a concepção tribal. Agora, as nações européias devem estar satisfeitas» — concluiu o sr. Mussa Kuraïem.

Do «Diário de São Paulo»,  
7-10-61

7

Fonte: *O Oriente* (outubro/1961).

Se o encontro entre Mussa Kuraïem, e Gamal Abdel Nasser em 1959 demonstrou a admiração à figura do líder egípcio, a crítica posterior de Kuraïem ao colapso da RAU

em 1961 revela uma tensão fundamental no nacionalismo árabe: a dificuldade de conciliar o ideal coletivista com os interesses locais e as ambições pessoais dos líderes. Em seu argumento, Kuraïem nos permite interpretá-lo na forma de que Nasser priorizou sua popularidade e os interesses egípcios em detrimento de uma união árabe mais sólida, o que expõe uma contradição inerente ao movimento nacionalista. O pan-arabismo, embora retoricamente inclusivo, muitas vezes esbarrou em disputas de poder e na centralização egípcia, evidenciando que o nacionalismo árabe não era um bloco monolítico, mas sim um campo de disputas e interpretações diversas. Essa crítica formulada pela *O Oriente* abre campo para debate sobre como essas reflexões impactaram a relação dos árabes no Brasil com a ideologia nasserista, pois como estimulado por Kuraïem, houve uma falha em consolidar um projeto verdadeiramente coletivo.

Reforço aqui a ideia de que a revista *O Oriente*, nesse contexto, não era apenas um veículo de reprodução e representação do sentimento árabe, mas uma mediadora ativa na construção de uma identidade diaspórica no Brasil. Também, ao discutir o nacionalismo árabe e suas contradições, o periódico participava do processo de formação de sensibilidades compartilhadas entre imigrantes e descendentes, articulando-os a eventos geopolíticos do Oriente Médio e que poderiam ser interpretados e debatidos de maneira ativa por seus leitores. A mudança do nome da Câmara de Comércio Árabe Brasileira em São Paulo, influenciada pela formação da RAU, é um exemplo claro de como políticas no mundo árabe ecoavam no Brasil, moldando instituições e identidades. Assim, a crítica de Kuraïem ao fim da RAU pode ser entendida não apenas como uma avaliação política, mas como um ato de produção de nacionalismo árabe na diáspora. Ao questionar Nasser, *O Oriente* reforçava a ideia de que o nacionalismo árabe deveria ser plural e crítico, não dogmático. Essa postura reflete a complexidade de se construir subjetividades árabes na diáspora, onde lealdades, memórias e interpretações estão em constante negociação. A revista, portanto, não apenas relatava o nacionalismo, mas o reinventava em solo brasileiro, mostrando que a diáspora é um espaço de reelaboração política e cultural.

## Considerações finais

Neste artigo, procurei analisar algumas das publicações da revista *O Oriente*, no final da década dos anos 1950, enquanto mediação discursiva, cultural e política na produção e adaptação das subjetividades árabes em contexto diaspórico. Entendo que essa perspectiva nos permite compreender como a imprensa operou como um espaço de negociação e produção de subjetividades, conectando a diáspora às transformações políticas do mundo árabe e ao mesmo tempo promovendo sua inserção na sociedade brasileira.

O nacionalismo árabe, estimulado na revista, encontrou na experiência da diáspora um espaço singular para sua reelaboração. A influência do pan-arabismo e da ideologia nasserista na revista sugere que a diáspora não era apenas receptora passiva dos acontecimentos políticos no mundo árabe, mas ativa em sua ressignificação. O modo como a criação da República Árabe Unida ressoou, demonstra como esse processo transnacional afetava diretamente as subjetividades árabes no Brasil, intensificando sentimentos de pertencimento e reforçando discursos que combinavam modernidade e

progresso com o ideal de uma unidade árabe secular. No mais, aqui vimos que o nacionalismo diaspórico não é um mero constructo abstrato, mas uma realidade materializada através de práticas midiáticas que debatiam esse sentimento de maneira diretamente articulada com ideais de emancipação, independência e em defesa das lutas anti-coloniais e anti-imperialistas no mundo árabe. Assim, *O Oriente* não apenas imaginava a comunidade árabe; ela lhe dava tangibilidade por meio de sua textura, sua visualidade e sua circulação. Considerei que o nacionalismo árabe na diáspora não é composto apenas por discursos, mas por formas materiais que o torna sensível e "verdadeiro". Uma dessas formas pode ser encontrada na imprensa árabe no Brasil.

Dessa forma, a trajetória de *O Oriente* exemplifica como a imprensa diaspórica pode ser um ator essencial na construção de pertencimentos híbridos e na ressignificação de projetos políticos e culturais além das fronteiras nacionais. A revista não apenas registrou a experiência árabe no Brasil, mas também desempenhou um papel ativo na mesma, tornando-se um espaço de diálogo entre passado e presente, entre a agenda local e a transnacional. Seu legado nos permite compreender a importância dos meios de comunicação como vetores de identidade e resistência, reforçando que as diásporas não são meros reflexos de suas pátrias de origem, mas espaços ativos de transformação e reinvenção.

## Referências bibliográficas

- Anderson, B. (1993). *Comunidades imaginadas: Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo*. México: Fondo de Cultura Económica.
- Asad, T. (1986). *The idea of an anthropology of Islam*. Washington, DC: Center for Contemporary Arab Studies, Georgetown University. (Occasional Papers Series).
- Asad, T. (2017). Pensando sobre tradição, religião e política no Egito contemporâneo. *Política & Sociedade*, 16(36). (Original publicado em 2005).
- Curi, G. (2020). O conceito de *Turāth* e a produção intelectual da imigração árabe no Brasil. *Revista Territórios & Fronteiras*, 13(2), jul.–dez.
- Farias, V. C. (2020). *O Brasil e a República Árabe Unida: o nacionalismo árabe e sua presença em território brasileiro* [Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo].
- Garcia, L. A. M. (2024). *O Islã em Barretos (SP): história, sensibilidades devocionais e conflitos normativos* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina].
- Hirschkind, C. (2006). *The ethical soundscape: Cassette sermons and Islamic counterpublics*. New York: Columbia University Press.
- Karam, J. T. (2009). *Um outro arabesco: Etnicidade sírio-libanesa no Brasil neoliberal* (D. Bottman, Trad.). São Paulo: Martins.
- Khater, A. (2001). *Inventing home: Emigration, gender, and the middle class in Lebanon, 1870–1920*. London: University of California Press.
- Lesser, J. (2001). *A negociação da identidade nacional: Imigrantes, minorias, e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: UNESP.
- MacIntyre, A. (2021). *Depois da virtude: Um estudo sobre teoria moral* (P. Arruda & P. Costa, Trans.). Campinas: Vide Editorial. (Obra original publicada em 1981).



- Meyer, B. (2009). Introduction: From imagined communities to aesthetic formations. In B. Meyer (Ed.), *Aesthetic formations: Media, religion, and the senses* (pp. 1–28).
- Osman, S. A. (2020). A imigração árabe no Brasil: balanço da produção acadêmica (1970–2020). *Revista Territórios & Fronteiras*, 13(2), jul.–dez.
- Osman, S. A. (2025). A imprensa dos imigrantes árabes no Brasil. *Al Jaliah: Revista de Assuntos Árabes e Árabe-Diaspóricos*, 1(1).
- Pinto, P. G. H. da R. (2016). El labirinto de espejos: Orientalismos, imigração e discursos sobre a nação no Brasil. *Revista de Estudios Internacionales Mediterráneos*, 21, 47–57.
- Pinto, P. G. H. da R. (2010). *Islã: Religião e civilização – Uma abordagem antropológica*. Aparecida, SP: Editora Santuário.
- Saïd, E. W. (2007). *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente* (R. Eishenberg, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Truzzi, O. (2008). Redes em processos migratórios. *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*, 20(1), 221–234.
- Truzzi, O. (1993). *Patrícios: Sírios e libaneses em São Paulo* [Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas].

#### Sites:

- Khayrallah Center for Lebanese Diaspora Studies. (1955, abril 1). *O Oriente*, 27(3004). CCAB/Lar Sírio Pró-Infância/ICArabe/Club Homs, CCAB, USEK Library. [https://arabicocr-app.s3.amazonaws.com/oori\\_19550401\\_27\\_3004\\_6.pdf](https://arabicocr-app.s3.amazonaws.com/oori_19550401_27_3004_6.pdf).
- Khayrallah Center for Lebanese Diaspora Studies. (1957, março 1). *O Oriente*, 30(3). CCAB/Lar Sírio Pró-Infância/ICArabe/Club Homs, CCAB, USEK Library. [https://arabicocr-app.s3.amazonaws.com/oori\\_19570301\\_30\\_3\\_33.pdf](https://arabicocr-app.s3.amazonaws.com/oori_19570301_30_3_33.pdf).
- Khayrallah Center for Lebanese Diaspora Studies. (1959, janeiro 1). *O Oriente*, 32(1). CCAB/Lar Sírio Pró-Infância/ICArabe/Club Homs, CCAB, USEK Library. [https://arabicocr-app.s3.amazonaws.com/oori\\_19590101\\_32\\_1\\_5.pdf](https://arabicocr-app.s3.amazonaws.com/oori_19590101_32_1_5.pdf).
- Khayrallah Center for Lebanese Diaspora Studies. (1959, março 1). *O Oriente*, 32(3). CCAB/Lar Sírio Pró-Infância/ICArabe/Club Homs, CCAB, USEK Library. [https://arabicocr-app.s3.amazonaws.com/oori\\_19590301\\_32\\_3\\_20.pdf](https://arabicocr-app.s3.amazonaws.com/oori_19590301_32_3_20.pdf).
- Khayrallah Center for Lebanese Diaspora Studies. (1959, outubro 1a). *O Oriente*, 32(10). CCAB/Lar Sírio Pró-Infância/ICArabe/Club Homs, CCAB, USEK Library. [https://arabicocr-app.s3.amazonaws.com/oori\\_19591001\\_32\\_10\\_100.pdf](https://arabicocr-app.s3.amazonaws.com/oori_19591001_32_10_100.pdf).
- Khayrallah Center for Lebanese Diaspora Studies. (1959, outubro 1b). *O Oriente*, 32(10). CCAB/Lar Sírio Pró-Infância/ICArabe/Club Homs, CCAB, USEK Library. [https://arabicocr-app.s3.amazonaws.com/oori\\_19591001\\_32\\_10\\_101.pdf](https://arabicocr-app.s3.amazonaws.com/oori_19591001_32_10_101.pdf).
- Khayrallah Center for Lebanese Diaspora Studies. (1961, outubro 1a). *O Oriente*, 34(10). CCAB/Lar Sírio Pró-Infância/ICArabe/Club Homs, CCAB, USEK Library. [https://arabicocr-app.s3.amazonaws.com/oori\\_19611001\\_34\\_10\\_8.pdf](https://arabicocr-app.s3.amazonaws.com/oori_19611001_34_10_8.pdf).
- Khayrallah Center for Lebanese Diaspora Studies. (1961, outubro 1b). *O Oriente*, 34(10). CCAB/Lar Sírio Pró-Infância/ICArabe/Club Homs, CCAB, USEK Library. [https://arabicocr-app.s3.amazonaws.com/oori\\_19611001\\_34\\_10\\_9.pdf](https://arabicocr-app.s3.amazonaws.com/oori_19611001_34_10_9.pdf).

DOI desta publicação: <https://doi.org/10.34024/mbnjtb74>.